

## A representação dos sujeitos de “referência estendida” um estudo diacrônico

Maria Eugenia Duarte

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DUARTE, ME. A representação dos sujeitos de “referência estendida”: um estudo diacrônico. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 123-136. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



# A representação dos sujeitos de “referência estendida”: um estudo diacrônico<sup>1</sup>

Maria Eugenia DUARTE

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq/FAPERJ

## Introdução

Os estudos da mudança na representação dos sujeitos pronominais do português brasileiro (PB), à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros, têm privilegiado os sujeitos referenciais (definidos ou arbitrários) e os sujeitos não referenciais (não argumentais), aqueles preferencialmente plenos e estes representados por um expletivo nulo ou “preenchidos” através de operações de alçamento ou de inserção de constituintes lexicais, o que tem sido relacionado à orientação tipológica do PB para o sujeito e para o discurso (cf. PONTES, 1982; GALVES, 1987; KATO, 1989; DUARTE, 2007; KATO; DUARTE, 2008; NEGRÃO; VIOTTI, 2008).

Há, entretanto, entre os sujeitos referenciais e os não referenciais, aqueles que têm um antecedente representado por uma proposição (oração) ou uma porção maior do discurso e não podem ser retomados por um pronome pessoal. Em línguas que não aceitam um sujeito nulo, tais sujeitos só podem ser retomados por um demonstrativo, como mostra (1), ou uma expressão nominal como “tal fato”, “essa situação”, etc.); nas línguas de sujeito nulo, uma outra alternativa é uma categoria vazia, como ilustra o exemplo em (2):

(1) Holly: Eu serei Verônica!

Dona Irene: Isso é um sacrilégio. Faça o favor de tirar essa roupa. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

(**isso** = o fato de você (um travesti) representar Verônica)

---

<sup>1</sup> \* Participaram da realização da pesquisa aqui relatada as alunas de IC Jennifer Oliveira (CNPq-Balcão) e Jullie Maggesi (CNPq-Pibic).

(2) Júlia: Você esperou-o vestida de quê?

Cristina: De coelhinho da Playboy.

Júlia: Não sei se Ø foi uma boa idéia. (*A mulher integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

(Ø = esperá-lo vestida de coelhinho da Playboy)

Esse sujeitos, que devem seu nome a Halliday e Hasan (1979), que a eles se referiram como “extended reference subjects”, têm merecido pouca atenção no que diz respeito à investigação da mudança em curso no PB, relacionada à remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo. Devemos a Paredes Silva (1985), que traduziu o termo “sujeitos de referência estendida”, uma investigação pioneira sobre esse tipo de estrutura no PB, com base em uma amostra de cartas pessoais escritas nos anos 80, estratificada por faixa etária, nível de escolaridade e gênero. Seu objetivo principal foi, numa perspectiva funcionalista, mostrar o papel coesivo que essas construções desempenham no discurso, esteja o demonstrativo expresso ou nulo, funcionando como elementos de costura do texto, seja como orações de *arremate*, que dão fecho a um tópico discursivo, seja de *gancho*, que dão continuidade ao tópico discursivo. Mais recentemente, Oliveira (2005a) retoma o tema, sob a orientação de Paredes Silva, analisando, dentro da mesma perspectiva teórica, a referência estendida, em textos jornalísticos, abrangendo diferentes funções e, posteriormente, apenas a função de sujeito Oliveira (2005b), com base em amostras do acervo do Projeto PEUL (*Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*), recolhidas para o estudo da mudança em tempo real de curta duração (LABOV, 1994; PAIVA; DUARTE, 2003). Os resultados de Oliveira (2005b) permitem depreender um movimento em direção ao uso do demonstrativo, como veremos mais adiante.

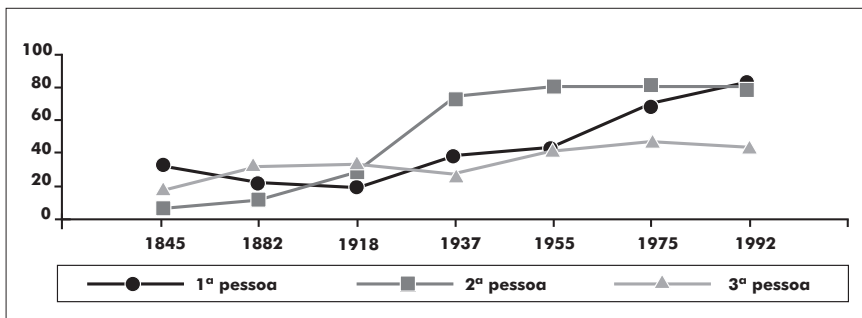
O presente trabalho faz uma análise diacrônica dos sujeitos de “referência estendida” em tempo real de longa duração com base em uma amostra de peças de teatro escritas no Rio de Janeiro ao longo de cerca de duzentos anos. Esse conjunto de peças, analisado em Duarte (1993) para a investigação da realização dos sujeitos de referência definida, tem sido ampliado e utilizado em análises do sujeito de referência arbitrária (SANTANA, análise em curso), dos sujeitos não argumentais em construções com verbos de alçamento que selecionam um DP (SANTOS, 2008) ou uma oração (HENRIQUES, 2008) e em construções existenciais (MARINS, análise em curso). Espero, com esses resultados, acrescentar dados ao conjunto de possíveis efeitos “colaterais” da mudança já implementada no PB no que diz respeito à preferência por sujeitos de referência definida plenos.

## 1 Os sujeitos de “referência estendida” e a hierarquia referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000)

Com base nos resultados de Cyrino (1993, 1997) para a expansão do objeto nulo e os de Duarte (1993) para a expansão dos sujeitos pronominais expressos, Cyrino, Duarte



Gráfico 1: Ocorrência de sujeitos de referência definida expressos ao longo de sete períodos (%) (Duarte 1993)



Observe-se que a primeira e a segunda pessoas, com 31% e 7%, respectivamente, de sujeitos expressos na primeira peça analisada, de 1845, atingem 82% e 78% na última, de 1992. A terceira pessoa, por outro lado, parte de 17% e atinge 45% no último período. Os resultados para a fala espontânea de uma amostra NURC-RJ, gravada nos anos 90, mostram igualmente a primeira e a segunda pessoas liderando o preenchimento, 79%, 89%, enquanto a terceira chega a 63% (cf. DUARTE, 1995).<sup>2</sup> Justifica-se, pois, o interesse em observar o comportamento dos sujeitos de “referência estendida” ou “proposicionais” sob uma perspectiva diacrônica.

A hipótese que orientou a pesquisa foi a de que o sujeito de referência estendida, situado num ponto intermediário da hierarquia referencial (entre os sujeitos referenciais definidos e os expletivos), mostraria uma tendência a acompanhar os sujeitos referenciais de terceira pessoa. Haveria então uma competição entre um sujeito nulo e o uso do demonstrativo, com uma tendência a aumentar, ainda que mais lentamente, a preferência pelo demonstrativo.

Nossa análise se insere na investigação sobre a mudança em curso na marcação do PSN verificada no PB e se sustenta na associação da teoria da mudança proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e da teoria de Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky (1981). Enquanto o **modelo de mudança** apresentado por W, L e H elenca os problemas que devem ser investigados no estudo da mudança – os condicionamentos, a implementação, a transição, o encaixamento e a avaliação – o quadro de P&P nos fornece **uma teoria da linguagem**, que nos permite levantar hipóteses e acompanhar o curso da mudança, tendo em mente exatamente a busca de resposta a esses “problemas”. Esse diálogo é fundamental no sentido de permitir estabelecer os limites que a Gramática Universal impõe à variação linguística e buscar, a partir de evidências empíricas, generalizações, que, sem o suporte de uma teoria da gramática, poderiam ser perdidas ou passar

<sup>2</sup> A análise da representação dos sujeitos definidos não leva em conta as coordenadas, a partir da segunda, com sujeitos correferentes, pelo fato de um sujeito nulo nessas estruturas não ser uma propriedade exclusiva das línguas positivamente marcadas em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo.

despercebidas. Por outro lado, essas respostas permitem rever as propriedades associadas ao PSN e os diferentes tipos de sujeito nulo que as línguas licenciam.<sup>3</sup>

## 2 A amostra utilizada

O quadro a seguir apresenta as peças distribuídas por sete períodos, numa tentativa de acompanhar os períodos considerados em Duarte (1993) para a análise da representação dos sujeitos pronominais definidos. Como os sujeitos de referência estendida ou proposicionais são menos frequentes, foi necessário ampliar a amostra, utilizando outras peças e procurando manter os mesmos critérios de seleção: utilizar peças produzidas no Rio de Janeiro por autores bastante populares em seu tempo. A última coluna traz informações sobre o ano de nascimento dos autores.

Quadro 1. Peças utilizadas na análise

ANO	PEÇA	AUTOR
<b>Período II</b> 1870/1889	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Direito por linhas tortas (1870)</li> <li>• Como se fazia um deputado (1882)</li> <li>• Caiu o ministério (1883)</li> <li>• As doutoras (1889)</li> </ul>	② França Júnior (1838/1890)
<b>Período IV</b> 1937/1949	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O hospede do quarto N°2 (1937)</li> </ul>	④ Armando Gonzaga (1884/1953)
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Flagrantes do Rio (1945)</li> <li>• A <i>garçonnière</i> do meu marido (1949)</li> </ul>	⑤ Silveira Sampaio (1914/1964)
<b>Período VI</b> 1975/1979	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A mulher integral (1975)</li> </ul>	⑦ Carlos Eduardo Novaes (1940)
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os órfãos de Jânio (1979)</li> </ul>	⑧ Millôr Fernandes (1923)

A periodização proposta na coluna 1 leva em conta **o ano em que a peça foi escrita**; daí termos autores, cuja data de nascimento é bem próxima, como Gastão

3 Kato e Duarte (2008) mostram que a orientação para o discurso manifestada pelo PB é a responsável pelo não desenvolvimento de um expletivo lexical na posição de sujeito das sentenças impessoais; línguas com tal orientação não têm expletivos foneticamente realizados (LI e THOMPSON, 1976); daí as operações de alçamento de constituintes para essa posição, observadas no PB, uma tentativa de “preencher” a posição do sujeito com itens referenciais.

Tojeiro e Armando Gonzaga, situados dentro de diferentes períodos. Sabemos que, dentro da perspectiva gerativista, a gramática de um indivíduo, entendida como Língua-I, se fixa na infância. Entretanto, quando se trabalha com a fala culta e com textos escritos, ainda que se trate de textos cuja preocupação é uma proximidade com a fala, como é o caso das peças aqui utilizadas, é necessário considerar a influência do processo de letramento na gramática da L1. Kato (2005) defende a hipótese de que, durante esse processo, o indivíduo tem acesso indireto à Gramática Universal, através de sua L1, que contém uma periferia marcada, na qual valores paramétricos diferentes daqueles que caracterizam a L1 podem estar presentes. Esses valores, dado o caráter conservador do modelo de língua apresentado pela escola, podem ser acionados e competir com os da gramática nuclear durante o processo de escolarização, “expandindo” de certa forma a Língua-I. Assim, o conhecimento que caracteriza essa segunda gramática, que pode ter traços da gramática de um falante do português brasileiro, europeu ou ainda de um falante de outros estágios da língua, é um subproduto da Gramática Universal. A fala monitorada de um indivíduo culto e sua escrita revelam, em maior ou menor grau, o que Kato chama “regras estilísticas”, “selecionadas de gramáticas passadas ou emprestadas da gramática portuguesa” (*op. cit.* p. 143).

Assim, manteremos as peças agrupadas pela data de sua produção, sem deixar de controlar, em nossa codificação de dados, o ano de nascimento dos autores, para verificar sua influência no fenômeno em questão. Entre os fatores estruturais considerados estão o tipo de verbo, a função da oração (raiz ou encaixada) e sua força ilocucionária (declarativa, interrogativa) e a ordem SV/VS, no caso dos sujeitos expressos, alguns dos quais já testados por Paredes Silva (1985) e Oliveira (2005a,b), em suas análises sincrônicas, como veremos a seguir.

### 3 A análise

Foram levantados 717 dados (286 ou 40% com o sujeito foneticamente realizado pelo demonstrativo **isso** e 431, ou 60%, com o sujeito nulo), distribuídos no Gráfico 2, tomando como valor de aplicação a forma expressa:<sup>4</sup>

---

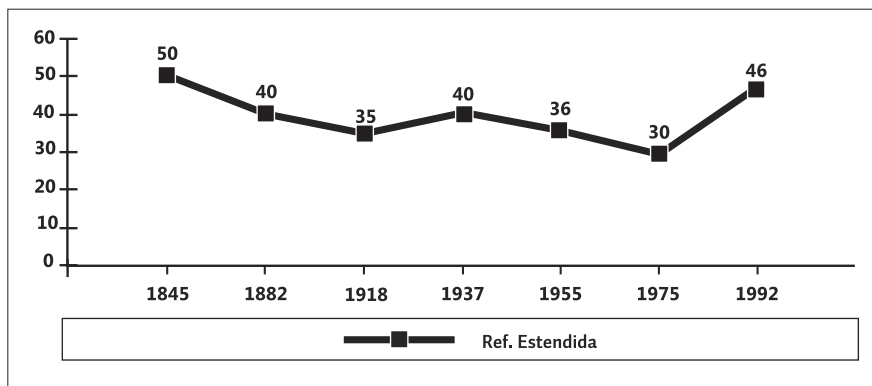
4 Não foram levantadas as retomadas por SN, como “tal fato”, “esse problema”, uma estratégia que parece mais frequente nos textos jornalísticos (cf. OLIVEIRA, 2005a). Destaco, entretanto, um desses casos, atestado nas peças:

(i) Cristina: Alice devia ter nascido nos Estados Unidos ou na Suécia. Aqui tem muita coisa que precisa ser resolvida antes do feminismo.

Júlia: Venha. Sente-se aqui. Pare com esse discurso. **Isso** não interessa agora. (*A mulher integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

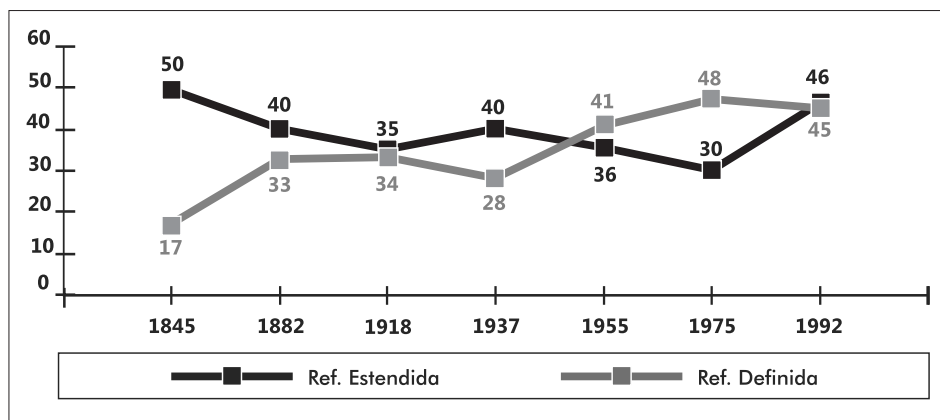
Agradeço a Vera Paredes Silva a leitura deste texto e o fato de ter apontado este exemplo, em que a porção grifada é retomada pelo SN “esse discurso” e só depois pelo pronome **isso**.

Gráfico 2: Sujeitos expressos (vs. nulos) de referência estendida ao longo de sete períodos (%).



Contrariamente à nossa hipótese inicial, não há indícios de aumento na taxa de sujeitos de referência estendida expressos. Ao contrário, o fenômeno sugere estabilidade nesse tipo de estrutura.<sup>5</sup> A comparação exibida a seguir no Gráfico 3, que compara o percurso dos sujeitos de terceira pessoa definidos, que aparecem no Gráfico 1, com os de referência estendida (retirados do Gráfico 2), revela que há, de fato, um crescimento no primeiro tipo (de 17% a 45%) e uma oscilação ou variação estável (de 50% a 46%), sem favorecimento de uma ou outra forma de realização, no segundo tipo:

Gráfico 3: Sujeitos expressos de referência estendida e definida de terceira pessoa ao longo de sete períodos (%).



Não surpreende, pois, que o programa de regra variável não tenha selecionado o **período de tempo** como relevante para a representação do sujeito. Este fator foi descartado pelo programa, que selecionou apenas dois grupos: **o tipo de verbo e o autor**.

5 Análises recentes, com base na fala espontânea gravada nos anos 90, revelam índices mais altos de preenchimento do que os encontrados nas peças de Miguel Falabella. Enquanto nos textos do autor o índice é de 46%, Oliveira (2005b) encontra tendência de aumento no preenchimento num estudo em tempo real de curta duração com base na fala popular (Amostra PEUL) – 38% para a década de 80 e 50% para o ano 2000; para a fala culta (NURC-RJ), Duarte, Guimarães e Oliveira (2010) encontram índices mais altos, mas nenhum indício de mudança em curso – 55% e 56% para as décadas de 70 e 90, respectivamente.



Tabela 1: Grupos de fatores selecionados (*Input: .40 Significance .005*)

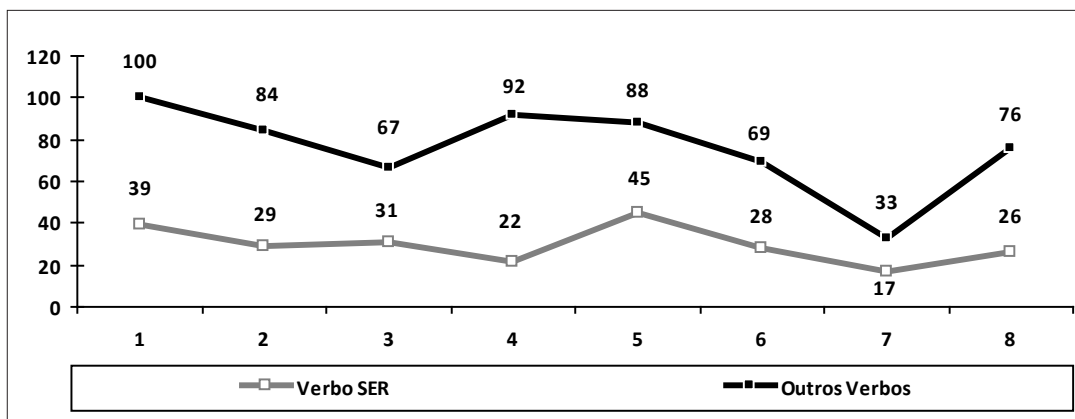
GRUPO SELECIONADO	FATORES	N / T (%)	P.R.
Tipo de verbo	Ser	166/561 (30%)	.39
	Outros verbos	120 / 156 (77%)	.84
Autor	Martins Pena	46/92 (50%)	.66
	França Júnior	51/129 (40%)	.55
	Gastão Tojeiro	34/96 (35%)	.53
	Armando Gonzaga	30/99 (30%)	.45
	Silveira Sampaio	32/56 (57%)	.65
	Millôr Fernandes	47/126 (37%)	.43
	C. Eduardo Novaes	8/36 (22%)	.18
	Miguel Falabella	38/83 (46%)	.46

O verbo **ser**, prototípico nas sentenças com o sujeito de referência estendida é, nitidamente, o ponto de resistência do sujeito nulo, como já apontavam Paredes Silva (1985) e Oliveira (2005). Observe-se na tabela que, do total de dados, 561 exibem o verbo **ser**. Considerando que o valor de aplicação na análise é o sujeito preenchido, essa resistência do verbo **ser** fica evidenciada no peso relativo (P.R) de **.39** em relação a **outros verbos**, que apresentam um forte favorecimento ao uso do demonstrativo, com **.84**, ou seja, uma diferença de **.45** entre os dois fatores.

No que diz respeito aos autores, o que se observa é uma forte variação individual, muito distante de qualquer sinalização de mudança em curso. Martins Pena, da primeira metade do século XIX, e Silveira Sampaio, da primeira metade do século XX, lideram a realização fonética do sujeito, com **.66** e **.65** de peso relativo, valores muito significativos se observados como devem ser observados: em “relação” aos demais. Considerando que uma diferença superior a **.10** é significativa (cf. PAIVA; DUARTE, 2003), vemos o decréscimo desse favorecimento nas peças de todos os demais autores, entre **.55** e **.43**, chegando ao extremo oposto, com um autor nascido nos anos 40 do século XX, que apresenta o peso de **.18**, um desfavorecimento forte ao preenchimento (a leitura complementar do peso indica, para esse autor, Carlos Eduardo Novaes, **.82** de favorecimento ao sujeito nulo).

O cruzamento dos dois fatores indicados na tabela reforça a relevância do verbo **ser versus outros verbos** na escrita de cada autor. O gráfico a seguir exhibe os percentuais de sujeitos preenchidos (*versus* nulos) segundo o **tipo de verbo**. Cada autor é representado pelo número que precede seus nomes no Quadro 1:

Gráfico 4: Sujeitos expressos de referência estendida por tipo de verbo (%).



Observe-se que a curva de sujeitos expressos com o verbo **ser** oscila entre 39% e 26%, alcançando seu ponto mais alto na peça de Silveira Sampaio (autor 5), nascido em 1914, e o mais baixo na de Carlos Eduardo Novaes (autor 7), nascido em 1940. Com **outros verbos**, todos os autores, exceto Novaes, preferem o preenchimento do sujeito, situando-se todos os demais percentuais acima de 67%. Os verbos mais frequentes nesse grupo, em todos os períodos, são os inacusativos, ilustrados em (4a-b):

- (4) a. Ventura: [...] Na sua qualidade de noivo da filha da dona da casa, a sua situação é toda especial.  
 Carlos: Vá lá que Ø seja assim. Mas **isso** agora não vem ao caso. (*O hóspede do quarto no. 2*, Armando Gonzaga, 1937)  
 (Ø / **isso** = o fato de minha situação ser especial por eu ser noivo da filha da dona da casa)

Um aspecto interessante a ser apontado é a ocorrência da ordem Verbo-Sujeito (VS) em 23 dos 286 sujeitos preenchidos. Confirmando a perda seletiva da ordem VS no PB (cf. KATO; DUARTE; CYRINO; BERLINCK, 2006), os dados revelam que, nas peças escritas até os anos 50, são encontradas estruturas de movimento de verbo, ilustrando tal ordem:

- (5) a. Zélia: Com um grande sentimento. Mas que hei de fazer? O médico aconselhou-me uma série de banhos de mar; e, morando aqui em Santa Tereza, seria isso impossível. (*O hóspede do quarto n° 2*, Armado Gonzaga, 1937)  
 (**isso** = tomar banhos de mar morando em Santa Tereza)

Nos textos escritos a partir dos anos 70 do século XX (e aqui se inclui a peça mais recente de Millôr Fernandes, de 1979), a ordem VS fica restrita a um tipo de interrogativa qu- com ordem VS cristalizada, como se vê em (6):

(6) Regina: A Laurinha que a gente maquiava, que a gente dizia que ia ser miss, gosta de mulher.

Selma: E que importância tem **isso**? (*A Partilha*, Miguel Falabella, 1989)

(**isso** = o fato de Laurinha gostar de mulher)

ou a sentenças com verbos inacusativos, em que o sujeito é um argumento interno, como mostram os exemplos em (7):

(7) a. Gilda: Agora não sei até quando vai durar **isso**, mas estou demais contente com as pessoas, amando todo mundo, passou todo o medo.

(*Os órfãos de Jânio*, Millôr Fernandes, 1979)

(**isso** = a sensação de contentamento, amando todo o mundo e sem medo)

b. Dolores: Quando a gente começa a suar desse jeito, é porque não tem que ser. Amor que tem futuro não faz a gente vazar pelo ladrão.

Margareth: Já aconteceu **isso** com você? (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

(**isso** = suar muito quando percebe que o amor não tem futuro)

A ordem Sujeito-Verbo em sentenças inacusativas (8a), entre as quais as passivas analíticas (8b), já é mais frequente nos textos da segunda metade do século XX:

(8) a. Paulo: O que prova justamente que isto já caiu do céu é que veio pelo Correio Nacional sem ser extraviado. Cada vez que **isso** acontece é um milagre.

(*Um elefante no caos*, Millôr Fernandes, 1955)

(**isso** = o fato de alguma encomenda enviada pelo correio nacional não se extraviar)

b. Barman: O século XIX só acabou em 1918, no fim da primeira guerra mundial. **Isso** já foi muito dito. (*Os órfãos de Jânio*, Millôr Fernandes, 1979)

(**isso** = que o século XIX só acabou com o fim da primeira guerra mundial)

## Conclusão

Se considerarmos os resultados em seu conjunto, podemos dizer que a representação dos sujeitos de referência estendida não acompanha o movimento em relação ao preenchimento do sujeito, uma vez que não se observa uma curva de mudança ao longo do tempo. Essa estabilidade pode ser sustentada pela menor referencialidade dos sujeitos proposicionais e uma resistência maior à mudança seria explicada pela hierarquia proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). No entanto, a análise dessas estruturas por tipo de

verbo mostra que, mais do que o tipo de sujeito, situado num ponto mais baixo da hierarquia referencial, é o verbo **ser** o responsável pelos altos índices de sujeitos nulos (ou baixos índices de preenchimento, como mostram os gráficos). Duarte (1993) já apontava os verbos relacionais **ser** e **estar** como elementos favorecedores do sujeito nulo de referência definida, particularmente quando associados a um SN sujeito [-animado]. Assim, podemos dizer que a menor referencialidade do antecedente associada a verbos não nocionais constitui um contexto de maior resistência do sujeito nulo.

Quanto ao fator não estrutural selecionado como relevante, sobressaem as diferenças individuais, não relacionadas a idade ou a período de tempo: enquanto seis dos autores são consistentes na preferência por sujeitos nulos com **ser** e não nulos com outros verbos, dois autores subvertem esse comportamento. Silveira Sampaio e Carlos Eduardo Novaes, o primeiro, nascido em 1914, prefere o preenchimento, independentemente do tipo de verbo, e o segundo, nascido em 1940, década em que Sampaio produziu suas peças, prefere o sujeito nulo no texto produzido nos anos 70.

Uma última reflexão sobre a persistência do sujeito nulo no PB. Muito se tem enfatizado a tendência ao preenchimento dos sujeitos referenciais. Mas muitos autores têm insistido em mostrar os contextos de preservação do sujeito nulo. Como língua de proeminência de sujeito e de tópico, um traço tipológico do PB já defendido por Pontes (1987), Galves (1987), Kato (1989) e, mais recentemente, por Negrão e Viotti (2008) e Kato e Duarte (2008), não surpreende que no PB convivam sujeitos referenciais nulos e plenos e sujeitos não referenciais (os das orações impessoais) nulos ou preenchidos através de operações de alçamento de constituintes (“Chove muito nessas florestas”; “Essas florestas chovem muito”).

## Referências

CHOMSKY, Noam. (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 163-184.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini (1997). *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL.

CYRINO, Sônia; DUARTE, Maria Eugênia; KATO, Mary A. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, E. V. (Ed.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana. p. 55-105.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 107-128.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1995). *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.

- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2007). Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, Ataliba T. de; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini; LOPES, Ruth E. Vasconcellos (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo/Campinas: Fapesp/Pontes. p 35-48.
- DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia; OLIVEIRA, Jennifer (2008) A representação dos sujeitos de referência estendida na língua falada. Comunicação apresentada na JIC-UFRJ.
- GALVES, Charlotte (1987). A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de linguística*, Campinas, v. 13, p. 31-49.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (1979). *Cohesion in English*. London: Longman.
- HENRIQUES, Fernando P. (2008) *Construções com verbos de alçamento: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- KATO, Mary A. (1989). Sujeito e tópico: duas categorias em sintaxe? *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 17, p. 109-132.
- KATO, Mary A. (2005) A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (Org.) *Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos (Universidade do Minho). p. 131-145.
- KATO, Mary A.; DUARTE, M. E. L.; CYRINO, S.; BERLICK, R. (2006) Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, J., Jacyra Mota; MATOS E SILVA, R. V (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia. p. 413-438.
- KATO, Mary A.; DUARTE, M. E. L. (2008). Mudança paramétrica e orientação para o discurso. Comunicação apresentada no *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga.
- LABOV, William (1994). *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell.
- LI, Charles-N.; THOMPSON, Sandra. (1976) Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C-N (Ed.) *Subject and topic*. New York: Academic Press. p. 457-489.
- MARINS, Juliana E. (Em andamento) *As construções existenciais com ter, haver e existir: uma análise diacrônica*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani (2008). Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto. p. 179-203.
- OLIVEIRA, Amanda B. (2005a). *A referência estendida em textos jornalísticos de natureza argumentativa*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Amanda B. (2005b). Variação em sujeitos de referência estendida na fala carioca. *Revista estudos da linguagem*. São Paulo. Meio digital.
- PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). (2003). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa /FAPERJ.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia (1985). É isso aí: verbo *ser* e demonstrativos em função coesiva no português. PUCRJ e UFRJ. ms.
- PONTES, Eunice (1987). *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.

SANTANA, Amanda de (Em andamento). *A representação dos sujeitos de referência arbitrária: uma análise diacrônica*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, Danielle de R. (2008). *A ordem VS/SV com verbos inacusativos: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin (2006 [1968]). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (Tradução de Marcos Bagno do original: Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 97-195.). São Paulo: Parábola.

## **FONTES DE DADOS**

CAFEZEIRO, Edwaldo (Org.). (1980) *O teatro de França Júnior*, vol. II. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Fundação de Arte.

FALABELLA, Miguel (2003). *A partilha*. Banco de peças teatrais da Biblioteca da UNIRIO. Modernização do acervo.

FALABELLA, Miguel. *No coração do Brasil*. Texto cedido pelo autor. ms.

FERNANDES, Millôr (1979). *Um elefante no caos*. Porto Alegre: L, P&M.

FERNANDES, Millôr (1979). *Os órfãos de Jânio*. Porto Alegre: L, P&M.

GONZAGA, Armando. *O hóspede do quarto n° 2*. Banco de peças teatrais da Biblioteca da UNIRIO. Publicação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT.

NOVAES, Carlos Eduardo. *A mulher integral*. Banco de peças teatrais da Biblioteca da UNIRIO. Ms.

SAMPAIO, Silveira. *A garçonnière de meu marido*. Banco de peças teatrais da Biblioteca da UNIRIO. Publicação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT.

SAMPAIO, Silveira. *Flagrantes do Rio*. Banco de peças teatrais da Biblioteca da UNIRIO. Publicação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT.

PENA, Luiz Carlos Martins (1996) *As melhores comédias de Martins Pena*. Apres. Guilhermino Cesar. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

*Teatro de Millôr Fernandes* (1957). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

TOJEIRO, Gastão. *O simpático Jeremias*. Revista de teatro, 1966. Banco de peças teatrais da Biblioteca da UNIRIO.

TOJEIRO, Gastão (2003). *Onde canta o sabiá*. Banco de peças teatrais da Biblioteca da UNIRIO. Modernização do acervo.

## **DADOS DE LÍNGUA ORAL**

Acervo NURC-RJ: [www.lettras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj)

Acervo PEUL: [www.lettras.ufrj.br/peul](http://www.lettras.ufrj.br/peul)

